

Fruto do Espírito e frutos da carne

CHARA - A Alegria do Viver

Somente quando estudamos detalhadamente o Novo Testamento descobrimos quão importante a alegria é.

No Novo Testamento o verbo que significa alegrar-se, ocorre setenta e duas vezes, e a palavra chara, que significa alegria, aparece sessenta vezes.

O Novo Testamento é o livro da alegria.

A saudação grega normal, tanto na conversa quanto nas cartas, é geralmente traduzida simplesmente por "Saudações!" Assim é usada na carta de Félix a respeito de Paulo, dirigida ao oficial romano Cláudio Lísias (Atos 23.26).

Se fôssemos dar a sua tradução integral e literal, teríamos: "A alegria seja contigo!". Quando a Igreja Cristã resolveu no Concílio de Jerusalém que a porta da Igreja seria aberta aos gentios, os líderes da Igreja enviaram aos cristãos gentios na Síria, Antioquia e Cilícia uma carta informando-os a respeito daquela grande decisão, e a carta começa com: "Saudações" — a alegria seja convosco! (At 15.23).

Estava aberta a porta à alegria cristã. Quando Tiago estava escrevendo aos cristãos dispersos pelo mundo, e quando estava pensando neles como exilados da eternidade, começa sua carta: "A alegria esteja convosco!" (Tiago 1.1). Uma das últimas palavras que Paulo escreveu aos seus amigos em Corinto foi: "A alegria seja convosco, irmãos!" (2 Co 13.11). Há dois belíssimos usos desta palavra em conexão com a vida de Jesus. Quando o anjo veio a Maria, a fim de contar-lhe a respeito do filho ao qual havia de dar à luz, a sua saudação foi: "A alegria seja contigo!" (Lc 1.28). E na manhã da ressurreição a saudação do Cristo ressurreto às mulheres que tinham vindo para lamentar foi: "A alegria seja convosco" (Mt 28.9). Esta grande saudação ressoa de modo triunfante pelas páginas do Novo Testamento. Examinemos, portanto, esta alegria cristã conforme nos mostra o Novo Testamento.

(i) Devemos começar notando que a alegria é a atmosfera distintiva da vida crista. Podemos expressá-la da seguinte maneira — seja quais forem os ingredientes da vida cristã, e as proporções em que forem misturados, a alegria é um deles. Na vida cristã, a alegria sempre permanece como um fator constante. "Alegrai-vos no Senhor," escreve Paulo aos seus amigos filipenses, e passa a repetir a sua ordem: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos" (Fp 3.1; 4.4). "Regozijai-vos sempre," escreve aos tessalonicenses (I Ts 5.16). Já foi dito que "alegrai-vos!" é sempre a ordem do dia para o crente.

Na carta aos colossenses há uma passagem muito relevante. Paulo diz aos colossenses que está orando por eles, pedindo a Deus para que transbordem do pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual, a fim de viverem de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus. Continua, então: "sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua

glória, em toda a perseverança e longanimidade" — e então vêm as palavras: "com alegria" (Cl 1.9-11). Toda virtude e conhecimento devem ser irradiados com alegria; até mesmo a paciência e a perseverança, que podem ser coisas áridas e repugnantes, devem ser iluminadas com a alegria.

"O reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria" escreveu Paulo aos romanos (Rm 14.17).

Não há virtude na vida cristã que não se torne radiante com a alegria; não há circunstância e ocasião que não sejam iluminadas com a alegria.

Uma vida sem alegria não é uma vida cristã, porque a alegria é um ingrediente constante na receita para a vida cristã.

Quando examinamos as referências à alegria no Novo Testamento, com toda a sua variedade e multiplicidade, elas enquadram-se num certo padrão, e nos falam acerca de certas esferas em que a alegria cristã deve ser descoberta de modo especial.

(a) Há a alegria da comunhão cristã.

O Novo Testamento está cheio da alegria daquilo que pode ser chamado de "fraternidade". É uma alegria até mesmo ver semelhante comunhão. Paulo escreve a Filemom dizendo-lhe da alegria e conforto que recebeu do amor de Filemom e ao ver o modo pelo qual os santos foram reanimados pelos cuidados amorosos dele (Fm 7). Num famoso ditado, os pagãos olhavam para a Igreja Cristã e diziam: "Vede como estes cristãos amam-se mutuamente." Nunca deve-se esquecer de que uma das maiores influências na evangelização do mundo é a visão da verdadeira comunhão cristã, e uma das maiores barreiras à evangelização é a visão de uma igreja onde a comunhão está perdida e destruída. É uma alegria ainda maior gozar da comunhão cristã. Alegria o coração de Paulo o fato de seus amigos em Filipos terem se lembrado dele com suas dádivas (Fp 4.10). Ver a comunhão cristã é algo glorioso, estar envolvido nela é mais glorioso ainda. É uma alegria ver a comunhão cristã restaurada. Quando Tito voltou da igreja perturbada em Corinto com a notícia de que o problema havia sido sanado e a comunhão restaurada, Paulo regozijou-se (2 Co 7.7, 13). É uma alegria experimentar a comunhão cristã restaurada. O Novo Testamento mostra a alegria de alguém ao reencontrar-se com amigos. João espera que se encontrará outra vez com seus amigos, e então sua alegria será completa (2 Jo 12).

No Novo Testamento, não existe vestígios da religião que isola o homem do seu próximo. O Novo Testamento mostra vividamente a alegria de fazer amigos, conservá-los e reencontrá-los, porque a amizade e a reconciliação entre um homem e outro refletem a comunhão e a reconciliação que há entre o homem e Deus.

(b) Há a alegria do evangelho.

Há a alegria da nova descoberta. Pode ser dito que a história do evangelho começa e termina em alegria. Foram novas de grande alegria que os anjos trouxeram aos pastores (Lc 2.10), e os sábios se alegraram quando viram a estrela que lhes

contou sobre o nascimento do rei (Mt 2.10). Assim, houve alegria no início. Na manhã da Ressurreição as mulheres voltaram do túmulo após seu encontro com o Senhor Ressurreto, em temor e grande alegria (Mt 28.8). Os discípulos nem podiam acreditar nas boas novas, por causa de tanta alegria (Lc 24. 41). Quando Jesus colocou-se no meio deles, os discípulos se alegraram ao verem o Senhor (Jo 20.20). E bem no fim, conforme Lucas narra a história, após a Ascensão, os discípulos voltaram para Jerusalém com grande alegria (Lc 24.52).

A história do evangelho começa, continua e termina com grande alegria.

Há alegria de receber o evangelho. Foi com alegria que Zaqueu recebeu Jesus em sua casa (Lc 19.6). Os tessalonicenses receberam a palavra com alegria (1 Ts 1.6). Repetidas vezes Atos fala a respeito da alegria que veio aos homens quando o evangelho chegou entre eles. A pregação de Filipe trouxe alegria para Samaria (At 8.8); depois do seu batismo, o eunuco etíope foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo (At 8.39). Havia alegria em Antioquia da Pisídia quando os gentios ouviram que o evangelho estava para sair da sinagoga e chegar a eles (At 13.48).

O Novo Testamento torna claro que a conversão deve ser uma das experiências mais felizes de todo o mundo.

Há a alegria de crer. A oração de Paulo pelos cristãos em Roma é para que o Deus da esperança os encha de todo gozo e paz em sua crença (Rm 15.13). Paulo deseja aumentar a alegria de sua fé para os filipenses (Fp 1.25). O Novo Testamento torna claro que a crença cristã é seguida pela alegria.

Dizia-se a respeito de alguns cristãos que eles eram mais pressionados do que ajudados pela sua religião. Sempre existem aqueles que têm feito da sua religião uma agonia. Mas para o Novo Testamento, a fé e a alegria andam juntas.

Há uma certa severidade nesta alegria cristã. É uma alegria que se regozija até mesmo na disciplina e na provação. Tiago ordena que seus leitores se alegrem quando são provados (Tg 1.2). A alegria cristã é como a alegria de uma mulher de quem as dores de parto já se foram, e cujo filho chegou (Jo 16.21, 22).

É notável quão frequentemente no Novo Testamento a alegria e a aflição andam lado a lado. A despeito da perseguição, os cristãos em Antioquia ficam cheios do Espírito Santo e de gozo (At 13.52).

O cristão pode ter tristezas mas também está se regozijando (2 Co 6.10). O evangelho trouxe tribulação à Tessalônica, mas também trouxe alegria (1 Ts 1.6).

Esta alegria na tribulação pode ser uma coisa muito maravilhosa, e a maravilha dela acha-se no fato de ser suportada e empreendida por amor a Jesus Cristo. Pedro e João deixaram o Sinédrio e as suas ameaças, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus (At 5.41).

Pedro encoraja os seus leitores, dizendo-lhes que quando sofrem estão compartilhando dos sofrimentos do próprio Cristo (1 Pe 4.13).

A passagem mais estarrecedora no Novo Testamento acha-se em Cl 1.24 onde Paulo diz que se regozija nos seus sofrimentos. "Preencho o que resta das aflições

de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja." Como é que algo pode faltar, ou restar, dos sofrimentos de Jesus Cristo?

Façamos uma analogia. É possível que um cientista, um cirurgião ou um médico, no seu laboratório, centro cirúrgico ou sala de pesquisas, trabalhe com esforço e sofrimento, correndo perigo, arriscando e destruindo sim sua própria saúde para achar a cura ou alguma ajuda para as dores e enfermidades dos homens. Mas a sua descoberta permanece inútil a não ser que seja tirada do laboratório e colocada à disposição dos homens em todas as partes do mundo. E é bem possível que aqueles que levam a descoberta até aos homens tenham de suar, labutar, sofrer e fazer sacrifícios para torná-la disponível. E pode-se dizer com exatidão e propriedade que os sofrimentos deles para tornar a dádiva disponível aos homens preenchem e completam os sofrimentos do grande homem que fez a descoberta original. A obra de Jesus Cristo foi realizada e completada. Mas ainda falta torná-la disponível aos homens. Repetidas vezes na história, os homens têm labutado, sofrido e morrido para contar aos outros aquilo que Jesus Cristo fez por eles. E em seus sofrimentos podemos dizer que estão completando os sofrimentos do próprio Jesus Cristo. Aqui está o grande pensamento inspirador afirmando que, se em qualquer tempo nosso serviço e lealdade a Ele nos custarem alguma coisa, isto quer dizer que estamos completando os sofrimentos de Jesus Cristo.

Que privilégio é mais sublime do que este?

Se assim for, a alegria não poderá ser retirada de nós (Jo 16.22).

(c) Há a alegria da obra e do testemunho cristãos.

Há alegria ao ver Deus em ação. Os Setenta voltaram com alegria, porque os demônios foram conquistados no nome de Cristo (Lc 10.17). Diante das obras maravilhosas de Jesus o povo se regozijou por causa das coisas gloriosas que estavam sendo feitas por Ele (Lc 13.17; 19.37). Há alegria ao ver o evangelho sendo anunciado. Barnabé ficou alegre quando viu os gentios sendo trazidos para a fé em Antioquia (At 11.23). O relato da propagação do evangelho trouxe muita alegria aos irmãos (At 15.3). O evangelho é a última coisa que algum cristão deveria guardar para si mesmo. Quanto mais o evangelho se propaga, e quanto maior for o número de pessoas que compartilham dele, maior será a sua alegria.

Há a alegria do mestre e do pregador no progresso cristão do seu povo.

A notícia da obediência dos cristãos em Roma propagou-se e Paulo está alegre por causa deles (Rm 16.19). A unidade da congregação é a alegria do pastor (Fp 2.2). Mesmo em sua ausência, Paulo regozija-se na firmeza dos cristãos em Colossos e com o progresso dos cristãos de Tessalônica (Cl 2.5; 1 Ts 3.9). João se alegra quando seus filhos andam na verdade (2 Jo 4). "Não tenho maior alegria do que esta," diz ele, "a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3 Jo 4).

Nunca devemos nos esquecer de que, segundo o Novo Testamento, o objetivo de toda a pregação cristã é trazer alegria aos homens. "Tenho-vos dito estas coisas," disse Jesus, "para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo"

(Jo 15.11). O objetivo de Jesus ao falar aos Seus discípulos era que tivessem o Seu gozo cumprido em si mesmos (Jo 17.13). O alvo de João ao escrever aos seus conhecidos era que a alegria deles e a sua fossem completas (1 João 1.4).

O desejo de Paulo para os coríntios era de que pudesse cooperar com eles visando a alegria (2 Co 1.24). Paulo gostaria de ser poupado por um pouco mais de tempo a fim de que ajudasse os filipenses no seu progresso e gozo da fé (Fp 1.25).

Pode ser que um pregador tenha de despertar tristeza e arrependimento no seu povo; é possível que tenha de colocar temor nos seus corações; pode ser que tenha de levá-lo a ter auto-repugnância e a se humilhar. Mas nunca um sermão cristão pode parar aí, O sermão que deixa o homem nas trevas do desespero não é um sermão cristão, porque depois da vergonha e da humilhação do arrependimento deve haver a alegria do perdão recebido e do amor de Deus que foi experimentado. Ninguém deve, em ocasião alguma, levantar-se no fim de um culto cristão sem a possibilidade de a alegria arder e flamejar diante dele. Um cristão conta a respeito de outro cristão: "O cristão mais fervoroso" que havia conhecido. "Na primeira vez que o ouvi, achei que ele estava louco, mas na segunda vez, tive a certeza disso." Certa vez, alguém perguntou a ele se achava que Jesus riu alguma vez: "Não sei," disse ele, "mas certamente consertou a minha vida de modo que eu possa rir."

É bem possível que, no final, a maior alegria será a alegria nas pessoas que trouxemos para Jesus Cristo. Para Paulo, os filipenses e os tessalonicenses são sua alegria e coroa (Fp 4.1; 1 Ts 2.19, 20). O escritor aos Hebreus conclama aqueles que estão colocados numa posição de liderança e autoridade a serem fiéis à sua vocação, de modo que possam prestar contas, no fim da jornada, não com tristeza, mas com alegria (Hb 13.17).

Quando outro cristão estava encarcerado por causa de sua fé, sua mente estava na pequena paróquia onde morara, ministrara e trabalhara. Estava pensando nas pessoas que ali ensinara e amara, e no fim do qual agora não poderia escapar.

Seus pensamentos expressos em palavras os pensamentos são:

Igreja amada, ainda me és querida; Já estando perto do céu, Dedico-te uma lágrima. Oh! se uma só alma, Encontrar-me à destra de Deus, Meu céu será dois céus na terra de Emanuel.

E assim chegamos ao fim, porque esta alegria é a alegria do próprio Deus; é a alegria de quem achou as coisas que se perderam, como o pastor e as ovelhas perdidas (Lc 15.5, 7; Mt 18.13); como a alegria da mulher que achou a moeda que estava perdida (Lc 15.10); como a alegria do pai cujo filho perdido voltou para casa (Lc 15.32).

Tanto para o homem como para Deus, a maior de todas as alegrias é a alegria do amor renascido e restaurado, e a alegria do pastor pelo seu povo não é outra coisa senão a alegria de Deus.